

Suspeite¹



(esq.) Yoko Nishio, Bem-te-vi 2, Óleo sobre tela, 50x50 cm, 2017

(dir.) Lucas Soares, Bastiana, Óleo sobre chinelo arreventado, 25x10x1,5 cm, 2021

“Octavio Paz escreveu uma vez que os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros vieram da selva, mas nós, os argentinos, chegamos em barcos. Eram barcos que vinham da Europa.”²

Fernández, Alberto (2021)

Somos todes suspeites. A violência nos une. Há séculos diversidades são resumidas em miseráveis singularidades: “índios, negres, asiaticos, pessoas de cor”, inúmeras definições para instituir o mesmo: “não-branques”. Assim, sob olhares colonizadores, existimos a partir da “falta”. E diante da falta de representantes outres no atual e ainda hegemônico cenário das artes contemporâneas, somos evocades enquanto representantes daquilo e daqueles que “faltam”. A contemporaneidade demanda corpos ordinários.

Em outros tempos, homens brancos, vindos de *barco da Europa*, denominados “artistas viajantes”, adentraram Abya Ayala atrás de “espécimes nativos”: vegetais, animais, humanas, flores, frutos, costumes, etc. Atualmente renovam-se os interesses em corpos dissidentes. Convoca-se “não-branques” para que não faltem. Projetos recentes onde ausentam as diversidades explicitam o racismo, o elitismo, o colonialismo, a “falta” de consciência e igualdade sociais. Assim, para se evitar explicitar falhas, cabe convocar quem geralmente “falta”.

Vimos da selva e trazemos a selva conosco. A palavra Diáspora traz em si a ideia de movimento, povos forçados a se deslocarem carregam consigo suas culturas, histórias, memórias, etc. Estamos em constante movimento, físicos, simbólicos, ancestrais, combatentes as opressões diversas. Enquanto “selvagens”, somos suspeites, os Necro-Estados controlam, vigiam, abatem corpos como os nossos. Aquilo que, sob visões colonialistas, nos definem, isto

¹ Optamos por utilizar uma escrita neutra para que todes possam se sentir incluídes.

² Frase dita pelo presidente argentino Alberto Fernández ao primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, em Junho de 2021 na Argentina.

é, “a falta”, a “ausência” de “brancura”, atestam também “nossas” periculosidades: “o vírus chinês”³, a “sopa de Wuhan”⁴, “around blacks, never relax”⁵, “yellow peril”⁶, entre diversas outras narrativas suspeitas.

Somos presenças ainda ex-óticas “dentro” de um circuito da arte que por séculos legitimou a exclusão sistemática de nossos corpos, nossos saberes, nossa presença enquanto símbolo e enquanto potência criadora. Embora estivemos construindo arte há milhares de anos, apenas agora é incumbida, quase como obrigatoriedade, a necessidade de estarmos nestes espaços institucionalizados de arte - museus, galerias, feiras.

Quando Edward Said desmistifica e defende que o Oriente nada mais é do que uma invenção do Ocidente, também fala sobre o longo processo de colonização subjetiva que torna igualmente fictícios, irrealis, e portanto, sub-humanos os povos vindos de África e os povos originários que os europeus, aqueles que *vieram de barco*, encontraram em territórios além-mar.

Neste stand, apresentamos as incongruências com a qual nos deparamos em nossa rotina diária: A “estranheza” de nossas presenças em espaços chancelados da arte nos coloca sob vigília constante.

Fizemos parte da construção histórica da humanidade, mas sempre estivemos invisibilizados pelos aparatos oficiais. Pedimos licença do anonimato, para protagonizar os golpes que esculpem a pedra dura, rígida, resistente, do mercado da arte.

Nos questionamos e somos constantemente indagados... o que queremos, o que fazemos, aonde vamos - exigem de nós justificativas para ocupar lugares que, para outras pessoas,, simplesmente já estão dados.

Somos suspeitos apenas por querer respirar sem sufocar. E aqui estamos, não trazemos nada além de nossa gentileza, ancestralidade, culturalidade. E você, ao nos encontrar, concederá esse aperto de mão, se juntará a nós ou ficará à margem da história que agora escreveremos? Aceita? Suspeita? Reflita.

³ Governantes entre outros personagens racistas e xenofóbicos vociferaram discursos preconceituosos em 2020 que relacionavam o recente vírus da Covid19 a China.

⁴ Logo após o início da pandemia de Sars-Cov-2 em 2020, um grupo de intelectuais publicou um material cujo o título “sopa de Wuhan” já denotava, desde a capa, a xenofobia manifestada em diversas partes do mundo.

⁵ “Around blacks, never relax”, significa: “entre negros, nunca relaxe” e constitui uma expressão racista dos EUA.

⁶ “Yellow peril”, significa: “perigo amarelo” e constitui uma expressão racista presente nos EUA em referência a população asiática.

Silva



(esq.) Carlos Matos, Os mais conhecidos, Neon e giroflex, 50x30x28 cm, 2019

(dir.) Marcel Diogo, República Comunitária Afro-indígena - Bandeira, Técnica mista sobre papel / impressão, 42x29,7 cm, 2020

*Ao longo de séculos de conquistas, exploradores e aventureiros povoaram essa **Não Europa** misteriosa com seus fantasmas mais primitivos e escabrosos. Os continentes das maravilhas se tornaram para muitos deles o exotério de uma selvageria que revolve as entranhas das nações civilizadas.*

Sarr, Felwine (2019)

Existimos imersos em nações fundadas em genocídios, em meio às necropolíticas, a atual globalização do Sars-Cov-2, as “passadas de boiada”, incêndios, desmatamentos em larga escala e os múltiplos garimpos em terras indígenas, ora implementados por agentes do três poderes, ora ligados a cartéis sudestinos em território amazônico, para atender demandas de mercados internacionais vorazes por madeiras “brasileiras” para mercados do norte global, desde os que aqui *chegaram em barcos* e fundaram, dentro da “selva”, práticas globalizadas de tráfico de commodities no “novo” continente.

Afirmamos aos quatro ventos do globo que, *_s empático_s, _s quem vivem em aldeias, palafitas, mocambos, roçados ou quilombos, quem ama o solo que pisa como a um irmão, feito a sua imagem e semelhança, rios, árvores, pedras, seres invisíveis e o fogo que também compõem as nossas famílias, são parentes presentes em nossas mesas e já são o futuro em andamento.*

Futuro este anti linear, diferente da versão de história única, optamos por atuar no tempo/espço, semelhante as teias de *Anansi*, como afirma o dramaturgo Amiri Baraka “*O futuro está aqui no passado*” onde os múltiplos pontos desta rede nos conectam aos

múltiplos tempos possíveis.

O que nos une é a existência plena em meio a contradição do/no ocidente, divergimos de sua narrativa única , subvertemos seus espaços de construção de saberes, questionamos as contradições de seus bastiões: *liberdade igualdade e fraternidade* que nos invisibiliza e hackeamos seus nomes, símbolos de status e prestígios. denegrindo suas dinâmicas mercadológicas, estéticas, éticas e conceituais desde o começo da modernidade ocidental.

Claro, um sobrenome não pode dar conta de resumir a história de conformação de um país. Mas se não é causa, só lhe resta ser a consequência. Uma reminiscência de que, afinal, se somos todes Silva, somos todes também Selva.

Vivemos à selva e a selva vive em nós.